

# Ulysses apela por "Constituição já, em nome do País"

«Constituição já». Esta foi a palavra de ordem do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, lançada antes de seu embarque, ontem, para o Rio, de onde seguiu à noite para Nova Iorque, para as festas de fim de ano. Ainda na Base Aérea de Brasília, o deputado disse que a substituição de ministros «é um episódio normal na vida da República». Ao mesmo tempo, reafirmou que o PMDB não vai participar da escolha do novo ministro da Fazenda.

Ulysses Guimarães quer todos os constituintes em Brasília, «dia e noite», a partir de quatro de janeiro. «para que possamos aprovar o mais rápido possível o novo texto constitucional». Ele disse que este era um apelo que fazia «em nome do País». O presidente do PMDB embarcou às 10h30, acompanhado dos ministros Renato Archer, da Previdência Social, e Celso Furtado, da Cultura.

Apesar de não pretender participar da escolha do substituto de Bresser Pereira, o PMDB, segundo Ulysses, espera que a escolha recaia sobre alguém capaz de resolver os graves problemas econômicos do País. «Se a Nação ficar satisfeita com o novo ministro, o PMDB também ficará», afirmou o presidente do partido.

**Desencontro**  
A demissão de Bresser Pereira, conforme explicou Ulysses Guimarães, ocorreu em consequência do «desencontro» com o presidente Sarney na parte referente à taxa dos ganhos de capital. «Essa é uma questão doutrinária, filosófica, e não houve conciliação possível».

O presidente da Constituinte explicou, ainda, que o presidente Sarney pediu, que ele mediasse os entendimentos com Bresser Pereira, para evitar que ele deixasse o Ministério. «Mas o ministro disse que a sua permanência dependia da aprovação de suas propostas, especialmente a referente aos ganhos de capital. Este, aliás, é um ponto fundamental do programa do PMDB, que defende a distribuição dos

sacrifícios, para que tudo não recaia sobre os assalariados».

Como não houve acordo entre os dois, segundo Ulysses Guimarães, «evidentemente que o ministro é que tinha de sair». Ele observou que a escolha de ministros é de competência pessoal do Presidente da República e que o escolhido deve estar «afinado» com o chefe da Nação nas questões fundamentais da Pasta, como o programa da dívida externa, da dívida interna e do déficit público.

### Constituinte

Ulysses afirmou que a sua preocupação agora é com a Constituinte, que deve ser «uma solução e não um problema». O PMDB, segundo ele, que já «sacudiu» a Nação com as campanhas das diretas já, deve agora concentrar suas forças na elaboração da futura Constituição.

«O texto já foi muito debatido nas diversas etapas dos trabalhos constituintes», disse. «Com as questões polêmicas suficientemente conhecidas, precisamos agora, sem mais adiamentos e prorrogações, aprovar o texto constitucional. Este é o apelo que faço: Constituição já».

Ainda na sua residência oficial, o presidente da Constituinte recebeu a visita do deputado Heráclito Fortes (PMDB-PI), que passou rapidamente para se despedir. Logo depois chegou o seu vizinho, ministro Renato Archer, que embarcaria com ele para o Rio. O ministro não quis fazer nenhum comentário sobre a demissão de Bresser Pereira nem sobre os nomes cotados para substituí-lo. «O presidente Ulysses Guimarães já disse que o PMDB não indica ninguém», afirmou.

O embarque de Ulysses Guimarães sofreu um pequeno atraso porque ele havia esquecido em casa o seu relógio e voltou para buscar. A demora preocupou o ministro Renato Archer, que saiu com ele da Península dos Ministros em outro carro oficial. O relógio acabou sendo levado para a Base Aérea pelo mordomo, que percebeu o esquecimento logo após a saída de Ulysses Guimarães.



Maciel poderá fazer acordo com Leonel Brizola, contra o PMDB



Mário Covas é o preferido entre os «autênticos» à sucessão

# «Históricos» podem romper com Governo e lançar um candidato

## Sem respaldo, Maciel adia negociações

Gerson Menezes

O senador Marco Maciel, presidente do PFL, não tem respaldo no seu partido para negociar um acordo com o ex-governador Leonel Brizola em torno da sucessão presidencial, mas está convencido de que não haverá alternativa para os liberais caso ocorra o que é mais previsível no caso de eleição em dois turnos: a disputa final entre PMDB e PDT. Maciel tem conversado reservadamente sobre o assunto com seus companheiros de partido, mas prefere não acelerar qualquer negociação com o PDT em torno de um possível apoio por saber que há resistências mesmo de seus amigos mais próximos, como o senador Jorge Bornhausen.

A tônica dessas conversações da cúpula pefelista tem sido a mesma: o PFL teria que apoiar o PDT no segundo turno até por falta de opção, caso o adversário seja o PMDB. Hoje os liberais enfrentam a opção de apoiar o PMDB ou o PDT novamente se aliando ao partido presidido por Ulysses Guimarães para um novo período de governo.

Um dos integrantes do PFL que mais rejeita um entendimento com Brizola é o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Mas em recente reunião teve que concordar que não haveria outra alternativa quando lhe indagaram se ele se aliaria, numa disputa, ao governador da Bahia, Waldir Pires, seu ferrenho adversário político. A aliança com o PDT não parece a mais simpática para o próprio senador Marco Maciel, que no entanto, enfrenta o mesmo problema de incompatibilidade com o PMDB em seu Estado, onde está em oposição frontal ao governador Miguel Arraes.

Maciel tem limitado suas conversações com Brizola numa tentativa de entendimento que assegure a aprovação do presidencialismo pelo plenário da Constituinte, não só por ser presidencialista convicto, como também por estar convencido de que a manutenção desse sistema de governo é a única forma capaz de garantir a realização de eleições presidenciais em 1988, algo que o parlamentarismo, a seu ver, praticamente inviabiliza.

Além dessa preocupação em garantir a aprovação do presidencialismo, Marco Maciel vem procurando cumprir outra missão em suas constantes viagens: mudar o perfil do PFL em São Paulo, de cunho predominantemente «malufista» e que seria um dos obstáculos à tentativa do partido de se posicionar bem para a próxima disputa sucessória. Persiste no PFL o entendimento de que o partido continuará mal se não melhorar no Estado mais importante do País, o que leva às constantes tentativas de atrair o empresário Antônio Ermirio de Moraes para a sigla. Atualmente sem partido, já que se distanciou do PTB, Ermirio continua resistindo aos convites.

O fortalecimento do PFL em São Paulo é considerado ponto fundamental para viabilizar a própria candidatura pefelista à Presidência da República. Há um consenso de que não há como pensar em disputa se a chapa do PFL não incluir um paulista, seja ele Antônio Ermirio de Moraes ou qualquer outro nome de peso. O ministro Aureliano Chaves, que prefere «esfriar» o noticiário sobre sua candidatura, por enquanto, enfrenta a dúvida sobre sua situação em seu próprio Estado, Minas Gerais. Por essa razão colocou como item indispensável para a candidatura se uma conversa preliminar com as bases mineiras. Não há muita chance na disputa contra o Rio e São Paulo (estão convencidos os pefelistas e o próprio Aureliano Chaves) como uma candidatura mineira, e muito menos ainda se Minas estiver dividida diante dessa candidatura.

**Rubem de Azevedo Lima**  
O rompimento formal entre o PMDB «histórico» e o Governo e a precipitação do lançamento de uma candidatura oposicionista desse partido à Presidência da República poderão ser o resultado natural da crise econômico-financeira do País e, das manobras que provocaram o receso «branco» da Assembleia Nacional Constituinte neste final de ano.

Para muitos peemedebistas, os desacertos entre o Governo e o ex-ministro Bresser Pereira, da Fazenda, em torno das medidas econômico-financeiras contra a inflação, e o receso da Constituinte, fazem parte de uma estratégia continuista, conduzida, segundo se acredita, por assessores do presidente Sarney.

O receso da Constituinte atrasará a definição das regras sucessórias e a crise entre o Governo e o Ministério da Fazenda, ocupada por um economista com aval do PMDB, parece prestar-se à desmoralização desse partido perante a opinião pública, sob o argumento de que é impossível ao presidente José Sarney governar com os peemedebistas.

Por sinal, em artigo publicado nesse final de semana, num jornal carioca, o jornalista Getúlio Bitencourt, titular da Secretaria Es-

pecial de Comunicação da Administração Federal (Secaf), um órgão subordinado à Presidência da República, parece confirmar a incompatibilidade entre o Governo e o PMDB.

Nesse artigo, Getúlio reconhece a impopularidade de Sarney, assinalando, porém, que esse fato se deve às dificuldades econômico-financeiras do País. Lembra, além disso, que o presidente Sarney, em 1985, com o Cruzado I, reverteu tal situação, mas os resultados positivos daquele plano se perderam. Argumenta Getúlio que um governo é impopular quando não sabe, não quer ou não pode resolver os problemas econômicos do País. O titular da Secaf mostra, afinal, que Sarney soube e sabe, quis e quer, mas não pôde e não pode solucionar tais problemas. Entre nós, fica no ar, porém, a dúvida sobre os motivos pelos quais ele não pôde e não pode atender às aspirações populares, em matéria de combate à inflação e à alta do custo da vida no Brasil. Para o bom entendedor, no entanto, não paira nenhuma dúvida sobre tal assunto: o PMDB é que atrapalha Sarney.

### Divergências

O grupo de peemedebistas autênticos reagiu, no final da semana, às manobras do «Centrão», que, graças ao apoio dos 130 constituintes do PMDB

moderado, obstaculizou o andamento dos trabalhos da Assembleia Constituinte. Contribui, com isso para facilitar os entendimentos em favor do mandato de cinco anos para Sarney e para a rejeição de medidas constitucionais de interesse dos trabalhadores.

O objetivo desses peemedebistas, declarado em nota oficial, foi resgatar «a verdadeira face do PMDB». Diante do receso da Constituinte, decretado em consequência da divisão interna do partido, esse resgate não se verificou com a simples reação retórica dos autênticos.

Em tais condições, para não se transformar em nova Arena, a única saída para o PMDB autêntico talvez consista em reagir, por atos e não mais por palavras, à posição de bode-expiatório em que se encontra.

Esta saída, ao que tudo indica, será a precipitação de uma candidatura peemedebista ortodoxa, não só descomprometida em relação ao Governo, como também contrária aos métodos políticos dos assessores do presidente Sarney. Pelo prestígio que desfruta entre os «históricos» do PMDB devido à simpatia que tem junto à opinião pública, por opor-se ao «Centrão» na Constituinte, o nome de Mário Covas tornou-se o candidato natural dos autênticos.

## Partidos buscam candidaturas

Apesar da aparente pausa no debate da questão sucessória, decorrente do receso da Assembleia Nacional Constituinte e dos festejos natalinos e de fim de ano, quase todos os partidos pensam em lançar candidaturas presidenciais ou já têm candidatos à sucessão do presidente José Sarney.

Não está ainda definido quando será a eleição presidencial, mas a impressão generalizada é a de que tal pleito, por vários motivos, independentemente da vontade do Governo, vai realizar-se mesmo em 15 de novembro de 1988.

Pelo menos duas candidaturas já estão lançadas: a do ex-governador do Rio, Leonel Brizola, pelo PDT, e a do deputado Luís Inácio Lula da Silva, pelo PT. Os autênticos do PMDB pendem para a candidatura do senador Mário Covas, líder do partido na Constituinte e um dos nomes mais identificados com os compromissos do programa partidário, dos quais nunca se afastou.

Mas Covas e os demais nomes em cogitação no PMDB, bem como noutras agremiações, ainda terão de submeter-se às respectivas convenções partidárias.

### Candidaturas

No caso do PMDB, além de Covas, apoiado pelos progressistas e pelas bases partidárias, existem ainda as candidaturas do governador Orestes Quêrcia (São Paulo); do presidente da agremiação, deputado Ulysses Guimarães; e do ex-governador Franco Montoro. Montoro e Covas defendem a realização de prévias no partido, para a escolha do candidato peemedebista à sucessão de Sarney. No âmbito interno do partido, há quem aposte na possibilidade de Covas vencer não só nessas consultas, como também na própria convenção. Outros peemedebistas, porém, acham isso improvável, devido ao fato de que a máquina partidária é dominada por Ulysses e por Quêrcia. Aliás, por esse motivo, uma vez que a máquina do PMDB está sendo comandada por peemedebistas ligados ao presidente Sarney (adversário da candidatura Covas), os autênticos querem que Covas se desligue do partido e passe a integrar uma sigla a ser criada com o compromisso de restabelecer os princípios históricos do PMDB. Nesse caso, o senador paulista seria o terceiro nome virtualmente lançado candidato à Presidência da República. As negociações sobre o assunto vão prosseguir no receso da Constituinte ganharão novo ímpeto com o desfecho das divergências entre o Executivo e o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, outro peemedebista histórico.

### Outros nomes

Nos demais partidos são candidatos à sucessão de Sarney, em tese, o ex-governador de São



Brizola inicia campanha de rua

## Recesso não esfria corrida sucessória

A paralisação dos trabalhos da Assembleia Constituinte, durante quase um mês, no final do ano, não estava prevista, mas, aparentemente, não diminuiu o interesse dos políticos nem a expectativa da opinião pública sobre a sucessão do presidente José Sarney.

Na impressão da maioria dos constituintes, porém, esse receso inesperado estabeleceu-se basicamente com o objetivo de esvaziar o debate sucessório. Tal manobra (essa é a conclusão dos próprios deputados) foi conduzida pelo chamado «Centrão», o grupo de centro-direita majoritário na Assembleia, mais ligado ao Governo.

A interrupção temporária dos trabalhos da Constituinte, sob o argumento da falta de acordo em torno do regimento da Assembleia, contribui, no entanto, para reforçar, em certas áreas, a ideia de que será difícil aprovar a nova Constituição em tempo hábil para permitir o pleito presidencial em novembro de 1988. Graças ao atraso na tramitação do projeto constitucional, continuaram indefinidas as regras básicas da sucessão de Sarney: qual será o sistema de governo do País e em que data se elegerá o futuro Presidente da República.

Em resposta ao adiamento das decisões na Constituinte sobre tais assuntos, os defensores da eleição presidencial em 1988 resolveram promover a mobilização popular para pressionar a Assembleia. Para tanto, programaram comícios e concentrações de rua em todo o País, com o objetivo de exigir as diretas já.

O ex-governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, candidato do PDT à sucessão de Sarney, convidou o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas a participar de tais comícios.

Além disso, para evitar possíveis manobras continuistas do Governo, alguns partidos, como o PDT e o PT, do deputado Luís Inácio Lula da Silva, pusseram, conforme se diz no jargão político, seus blocos sucessórios nas ruas. Lula também foi lançado candidato à sucessão e está em campanha.

A fim de não ficar atrás do PT e do PDT, o grupo mais ortodoxo do PMDB, o chamado PMDB «histórico», está disposto a exigir que o senador Mário Covas também ponha seu bloco na rua, mas o líder do partido na Constituinte tem dito que não quer ser fator de aprofundamento das divisões existentes em sua agremiação. Difícil, porém, Covas poderá resistir à pressão das bases do partido, em favor de sua candidatura.

No momento, a cúpula do PMDB parece oscilar entre apoiar a candidatura do governador Orestes Quêrcia, de São Paulo, ou a do presidente da Câmara, do partido e da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães.



Ulysses lembrou que é hora de aprovar a Carta

## Mediação acabou frustrada

O presidente da Assembleia Nacional Constituinte, da Câmara dos Deputados e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, esteve com o presidente José Sarney e recebeu um pedido para que mediasse a situação junto a Bresser. «Conversei com o ministro, mas ele me disse que a sua permanência no ministério dependia da aceitação das medidas propostas, principalmente a taxa de rendimento de capital».

Ulysses disse que «sempre foi posição do PMDB e é do PMDB» o ponto fundamental que, toda vez que tiverem de ocorrer sacrifícios tributários, eles devem recair sobre aqueles que têm mais e não sobre os assalariados, aqueles que têm menos».

## Bresser apela para que PMDB seja «autêntico»

São Paulo — O PMDB se desviou de sua linha de centro-esquerda e acabou cedendo espaços para setores muito conservadores, que incharam o partido. Se o PMDB quiser retomar as bandeiras da social-democracia e levar este País para um capitalismo moderno, de distribuição mais justa de renda, deve voltar a ser mais autêntico. A avaliação foi feita ontem pelo ex-ministro da Fazenda, Bresser Pereira, após receber em sua residência o senador Severo Gomes, que lhe foi «hipotecar solidariedade pela saída do Governo».

Bresser não quis falar claramente da falta de apoio político do PMDB em relação a seu impasse com a Presidência da República em torno do pacote fiscal. Deixou explícito no entanto, que seu partido, do qual disse que não se afas-

tará, precisa assumir posturas mais firmes em torno de determinados temas nacionais. Ao comentar seu isolamento no Governo, afirmou que «no Planalto existem duas pessoas de qualidade, Costa Couto (Ronaldo Costa Couto, chefe do Gabinete Civil) e Ivan de Souza Mendes (do Serviço Nacional de Informações)», também cotados para assumir o Ministério da Fazenda.

Bresser disse que continuará no PMDB «para fazer política com P máiusculo» e voltará a dirigir o grupo Pão de Açúcar, além de retornar as aulas na Fundação Getúlio Vargas. O senador Severo Gomes, um dos que o visitaram ontem pela manhã, afirmou que o PMDB «perde muito» com a saída de Bresser do Governo e deu apoio integral ao pacote fiscal que o ex-ministro preparava.